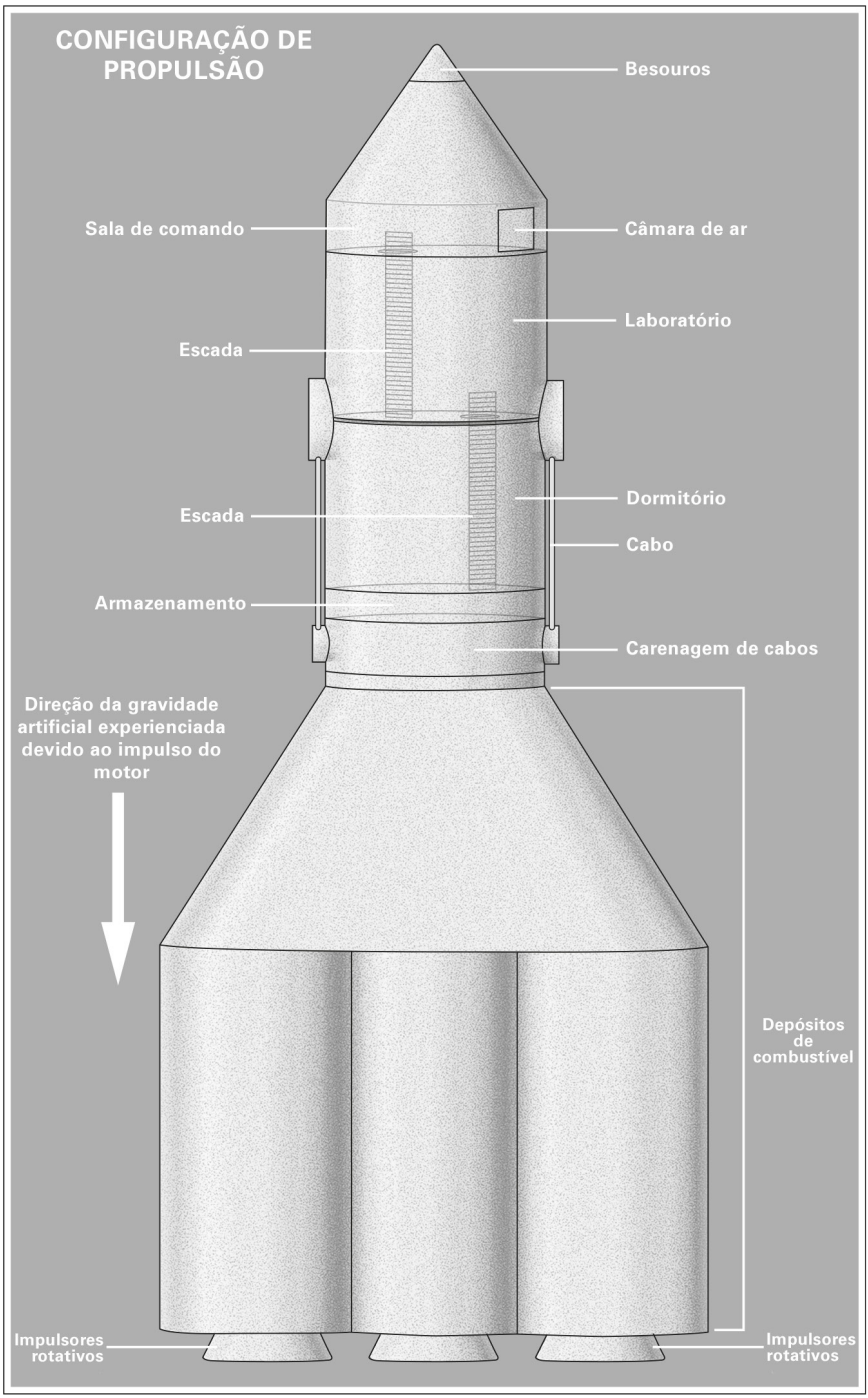
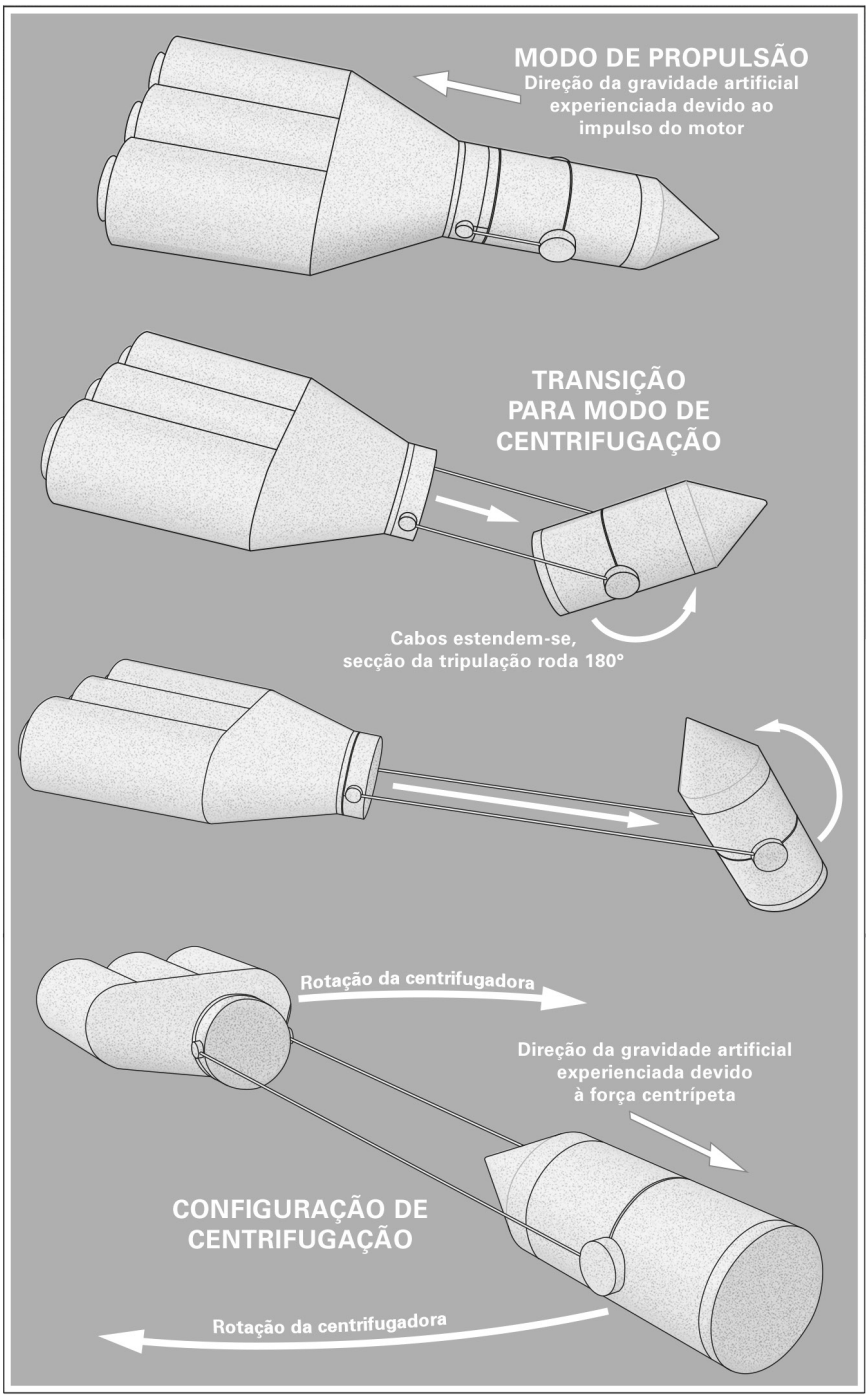
Para John, Paul, George e Ringo


CONFIGURAÇÃO DE PROPULSÃO
Besouros
Sala de comando
Câmara de ar
Laboratório
Escada
Dormitório
Escada
Cabo
Armazenamento
Carenagem de cabos
Direção da gravidade artificial experienciada devido ao impulso do motor
Depósitos de combustível
Impulsores rotativos
Impulsores rotativos


MODO DE PROPULSÃO
Direção da gravidade artificial experienciada devido ao impulso do motor
TRANSIÇÃO PARA MODO DE CENTRIFUGAÇÃO
Cabos estendem-se, secção da tripulação roda 180º
Rotação da centrifugadora
Direção da gravidade artificial experienciada devido à força centrípeta
CONFIGURAÇÃO DE CENTRIFUGAÇÃO
Rotação da centrifugadora

CAPÍTULO 1

— *Quanto é dois mais dois?*

Algo na pergunta me irrita. Estou cansado. Volto a adormecer.

Passam-se alguns minutos, até que volto a ouvi-la.

— Quanto é dois mais dois?

A voz suave e feminina não revela emoção e pronuncia a pergunta de forma idêntica à ocasião anterior. É um computador. Um computador está a chatear-me. Agora estou ainda mais irritado.

— Dxmpx — solto. Fico surpreendido. Eu queria dizer «Deixa-me em paz» (uma resposta completamente aceitável, na minha opinião), mas falhei ao falar.

— Incorreto — diz o computador. — Quanto é dois mais dois?

Está na altura de uma experiência. Vou tentar dizer olá.

— Lllch? — digo.

— Incorreto. Quanto é dois mais dois?

O que se passará? Quero descobrir, mas não tenho muito que me possa ajudar. Não consigo ver. Não consigo ouvir nada além do computador. Nem sequer consigo sentir. Não, não é verdade. Sinto alguma coisa. Estou deitado. Estou em cima de algo macio. Uma cama.

Acho que tenho os olhos fechados. O que já não é assim tão mau. Só tenho de os abrir. Tento, mas nada acontece.

Porque é que não consigo abrir os olhos?

Abram.

Eeee… abram!

Abram, raios!

Ah! Senti algo a estremecer desta vez. As minhas pálpebras mexeram-se. Eu senti.

Abram!

As minhas pálpebras levantam-se devagarinho e as luzes ofuscantes queimam-me as retinas.

— Ntam?! — solto. Mantenho os olhos abertos por pura força de vontade. Está tudo branco com tons de dor.

— Movimento de olhos detetado — informa o meu atormentador. — Quanto é dois mais dois?

A brancura suaviza-se. Os meus olhos ajustam-se. Começo a ver formas, mas ainda nada identificável. Deixa ver… consigo mexer as mãos? Não.

Pés? Também não.

Mas consigo mexer a boca, certo? Disse algumas coisas. Não fizeram sentido, mas foi alguma coisa.

— Ctr.

— Incorreto. Quanto é dois mais dois?

As formas começam a fazer sentido. Estou numa cama. Tem uma forma um bocado… oval.

Luzes LED brilham acima de mim. Câmaras no teto seguem todos os meus movimentos. Por muito inquietante que isto seja, estou muito mais preocupado com os braços robóticos.

As duas estruturas de metal escovado estão penduradas no teto. Cada uma tem um conjunto perturbador de ferramentas de aspeto penetrante onde deveriam estar mãos. Não posso dizer que isto me agrada.

— Cuuu… aaah… truuu — respondo. Isto serve?

— Incorreto. Quanto é dois mais dois?

Fogo. Reúno toda a minha força de vontade. Além disso, estou a começar a panicar um bocadinho. Ainda bem. Aproveito isso também.

— Quuaatroo — digo finalmente.

— Correto.

Graças a Deus. Sou capaz de falar. Mais ou menos.

Solto um suspiro de alívio. Espera… Acabei de controlar a minha respiração. Volto a suspirar. De propósito. Sinto a boca dorida. A garganta dorida. Mas é a *minha* dor. Eu tenho controlo.

Estou a usar uma máscara de respiração. Está apertada sobre o meu rosto e ligada a um tubo que me passa atrás da cabeça.

Serei capaz de me levantar?

Não. Mas posso mexer um pouco a cabeça. Baixo o olhar para o meu corpo. Estou nu e ligado a mais tubos do que os que consigo contar. Há um em cada braço, um em cada perna, um no meu «equipamento masculino», e dois que desaparecem por debaixo da coxa. Calculo que um deles esteja enfiado numa certa zona traseira.

O que não deve ser bom.

Além disso, estou coberto de elétrodos. Aquelas coisas que parecem autocolantes, que se usam nos eletrocardiogramas, só que estão por todo o lado. Bem, pelo menos só estão na minha pele, não enfiados em mim.

— On… — começo, ofegante. Tento outra vez. — Onde… estou?

— Qual é a raiz cúbica de oito? — pergunta o computador.

— Onde estou? — interrogo novamente. Desta vez é mais fácil.

— Incorreto. Qual é a raiz cúbica de oito?

Respiro fundo e falo lentamente.

— Dois vezes *e* elevado a dois-*i*-pi.

— Incorreto. Qual é a raiz cúbica de oito?

Contudo, eu não estava incorreto. Só queria ver quão esperto é o computador. Resposta: não muito.

— Dois — respondo.

— Correto.

Fico à espera de mais perguntas, mas o computador parece satisfeito.

Estou cansado. Volto a adormecer.

Acordo. Quanto tempo passou? Deve ter sido algum, porque me sinto repousado. Abro os olhos sem esforço. É um progresso.

Tento mexer os dedos. Eles assim fazem. Muito bem. Assim já chegamos a algum lado.

— Movimento de mão detetado — informa o computador. — Permaneça imóvel.

— O quê? Porque é que…

Os braços robóticos baixam-se sobre mim. São *rápidos*. Antes de eu sequer me dar conta, já me removeram a maioria dos tubos do

corpo. Não senti nada. Se bem que a minha pele ainda está meio dormente.

Sobram apenas três tubos: um intravenoso no braço, um pelo rabo acima e um cateter. Estes dois últimos são os que queria mesmo que removessem, mas tudo bem.

Levanto o braço direito e deixo-o cair outra vez na cama. Faço o mesmo com o esquerdo. Sinto-os mesmo pesados. Repito o processo algumas vezes. Os meus braços estão musculados. O que não faz sentido. Calculo que tenha tido um qualquer problema de saúde grave e que esteja nesta cama há algum tempo. Senão, porque me teriam ligado a todas aquelas coisas? Não deveria haver atrofia muscular?

E não deveria haver médicos? Ou talvez os sons de um hospital? E o que é que se passa com esta cama? Não é retangular, é oval. E acho que está presa à parede, em vez de ao chão.

— Tirem… — Não acabo a frase. Ainda estou um pouco cansado. — Tirem os tubos…

O computador não responde.

Levanto os braços mais algumas vezes. Abano os dedos dos pés. Estou definitivamente a melhorar.

Inclino os tornozelos para a frente e para trás. Estão a funcionar. Levanto os joelhos. As pernas também estão bem tonificadas. Não são grossas como as dos culturistas, mas, ainda assim, estão demasiado saudáveis para quem está às portas da morte. Embora não saiba bem quão grossas deveriam estar.

Calco a cama com as palmas das mãos e empurro. O meu tronco sobe. Estou mesmo a levantar-me! Requer toda a minha força, mas não desisto. A cama abana suavemente enquanto me mexo. Não é uma cama normal, isso é certo. À medida que levanto mais a cabeça, vejo que a cabeceira e o fundo da cama elíptica estão presos a suportes na parede que parecem bastante resistentes. É uma espécie de cama suspensa de metal. Estranho.

Rapidamente me sento sobre o tubo que tenho enfiado no rabo. Não é a sensação mais agradável do mundo, mas como é que um tubo no rabo podia ser confortável?

Agora posso ver as coisas melhor. Isto não é um quarto de hospital normal. As paredes parecem de plástico. Luz branca emana das lâmpadas LED no teto.

Há mais duas camas iguais montadas nas paredes, cada uma com um paciente. Estamos dispostos num triângulo e os Braços de Assédio estão montados no centro do teto. Calculo que tomem conta de nós os três. Não consigo ver grande coisa dos meus compatriotas. Estão afundados nas suas camas como eu antes estava.

Não há portas. Apenas uma escada na parede que leva a… uma escotilha? É redonda e tem um manípulo em forma de leme no centro. Pois, tem mesmo de ser algum tipo de escotilha. Como as dos submarinos. Talvez nós os três tenhamos algum tipo de doença contagiosa. Talvez isto seja um quarto hermético de quarentena. Há alguns respiradouros pequenos espalhados pela parede e sinto um pouco de ventilação. Pode ser um ambiente controlado.

Deslizo uma perna para fora da borda da cama, o que a faz tremer. Os braços robóticos precipitam-se sobre mim. Hesito, mas eles param a tempo e ficam a pairar por ali. Acho que estão prontos para me apanhar, caso caia.

— Movimento de todo o corpo detetado — informa o computador. — Como se chama?

— Pfff, a sério? — questiono.

— Incorreto. Tentativa número dois: Como se chama?

Abro a boca para responder.

— Hum…

— Incorreto. Tentativa número três: Como se chama?

Só agora é que me ocorre: não sei quem sou. Não sei o que faço. Não me lembro de nada.

— Hum — solto.

— Incorreto.

Uma onda de fadiga apodera-se de mim. Até é agradável. O computador deve ter-me sedado pelo tubo intravenoso.

—… espeeeera… — balbucio.

Os braços robóticos voltam a pousar-me gentilmente na cama.

———

Volto a acordar. Um dos braços robóticos está mesmo à frente da minha cara. O que está a fazer?!

Estremeço, mais chocado do que outra coisa. Os braços retraem-se de volta ao teto. Toco no meu rosto para ver se há danos. Um lado tem a barba por fazer e o outro está suave.

— Estavas a fazer a minha barba?

— Consciência detetada — informa o computador. — Como se chama?

— Ainda não sei.

— Incorreto. Tentativa número dois: Como se chama?

Sou caucasiano, do sexo masculino e falo inglês. Vamos pelo mais provável.

— J… John?

— Incorreto. Tentativa número três: Como se chama?

Arranco o tubo intravenoso do braço.

— Caraças.

— Incorreto. — Os braços robóticos estendem-se na minha direção. Rebolo para fora da cama, o que se revela um erro. Os outros tubos ainda estão presos.

O tubo do rabo sai logo. Nem sequer dói. O cateter ainda insuflado é-me arrancado do pénis. E *isso* dói. É como mijar uma bola de golfe.

Grito e contorço-me no chão.

— Dor física — informa o computador. Os braços dão-me caça. Rastejo pelo chão para lhes escapar. Enfio-me debaixo de uma das outras camas. Os braços param, mas não desistem. Ficam à espera. São controlados por um computador. Não é como se fossem ficar impacientes.

Deixo a cabeça cair para trás e recupero o fôlego. Pouco depois, a dor atenua-se e limpo as lágrimas dos olhos.

Não faço ideia do que se está a passar aqui.

— Ei! — chamo. — Um de vocês que acorde!

— Como se chama? — pergunta o computador.

— Um de vocês *humanos* que acorde, por favor.

— Incorreto — diz o computador.

A dor que sinto entre as pernas é tanta que tenho de rir. É absolutamente absurdo. Além disso, as endorfinas estão a entrar em ação e a

deixar-me zonzo. Olho para o cateter encostado à minha cama. Abano a cabeça com o espanto. Aquela coisa entrou-me pela uretra. Uau.

E causou alguns danos ao sair. Há um pequeno fio de sangue no chão. É só uma fina linha vermelha de…

Bebi um trago de café, enfiei o último bocado de torrada na boca e fiz sinal à empregada de mesa para que me trouxesse a conta. Podia ter poupado algum dinheiro se comesse o pequeno-almoço em casa, em vez de ir a um café todas as manhãs. Provavelmente teria sido uma boa ideia, tendo em conta o meu parco salário. Mas detesto cozinhar e adoro ovos e *bacon*.

A empregada acenou com a cabeça e foi até à caixa registadora para tratar da minha conta. Mas outro cliente entrou à procura de uma mesa naquele exato momento.

Verifiquei o meu relógio. Passava pouco das sete. Não tinha pressa. Gostava de chegar ao trabalho às sete e vinte, para ter tempo de preparar as coisas. Mas só precisava mesmo de estar lá antes das oito.

Pego no telemóvel e espreito o meu *e-mail*.

PARA: Astronomy Curiosities astrocurious@scilists.org
DE: (Dra. Irina Petrova) ipetrova@gaoran.ru
ASSUNTO: A Fina Linha Vermelha

Franzi o sobrolho ao ver aquilo. Pensei que tinha saído daquela lista. Tinha deixado essa vida há muito tempo. Aquilo não recebia muita coisa, e o que vinha, se me lembro bem, costumava ser bastante interessante. Era simplesmente um monte de astrónomos, astrofísicos e outros especialistas na área a conversar sobre qualquer coisa que lhes parecesse estranha.

Olhei de relance para a empregada. Os clientes tinham imensas questões sobre o *menu*. Provavelmente, estavam a perguntar se o Sally's Diner servia aparas de relva veganas e sem glúten, ou algo do género. Por vezes, a boa gente de São Francisco conseguia ser difícil.

Não tendo nada melhor para fazer, leio o *e-mail*.

Olá, profissionais. Chamo-me Irina Petrova e trabalho no Observatório de Pulkovo, em São Petersburgo, na Rússia.

Estou a escrever para pedir ajuda.

Nos últimos dois anos, tenho trabalhado numa teoria relacionada com emissões infravermelhas por nebulosas. Como resultado, fiz observações detalhadas em algumas faixas específicas de luz infravermelha. E encontrei algo estranho. Não numa nébula, mas aqui, no nosso sistema solar.

Há uma linha muito ténue, mas detetável, no sistema solar que emite luz infravermelha no comprimento de onda de 25,984 micrómetros. Parece ser apenas esse comprimento de onda, sem variância.

Anexos, estão os documentos Excel com os meus dados. Também forneci algumas renderizações dos dados enquanto modelo 3D.

Verão no modelo que a linha é um arco assimétrico que se ergue diretamente acima do polo norte do Sol ao longo de 37 milhões de quilómetros. A partir daí, inclina-se acentuadamente para baixo e para longe do Sol, em direção a Vénus. Após o cume do arco, a nuvem alarga-se como um funil. Em Vénus, o perfil transversal do arco é tão largo quanto o próprio planeta.

O brilho infravermelho é muito ténue. Só o consegui detetar porque estava a usar equipamento de deteção extremamente sensível enquanto procurava por emissões infravermelhas das nébulas.

Contudo, para ter a certeza, cobrei um favor ao observatório do Atacama, no Chile (na minha opinião, o melhor observatório de infravermelhos no mundo). Eles confirmaram as minhas descobertas.

Há muitas razões para que se possa ver luz infravermelha no espaço interplanetário. Pode ser poeira espacial ou podem ser outras partículas a refletir luz solar. Ou um qualquer composto molecular pode estar a absorver energia e a reemiti-la na faixa infravermelha. O que até explicaria o porquê de tudo ter o mesmo comprimento de onda.

A forma do arco é particularmente interessante. O meu primeiro palpite foi o de que se trata de um conjunto de partículas que se movem ao longo de linhas de campo magnético. Ora, Vénus não tem um campo magnético que se possa ter em consideração. Não tem magnetosfera, nem ionosfera, nada. Que forças levariam as partículas a arquear na sua direção? E porque brilhariam?

Fico a aguardar qualquer sugestão ou teoria.

———

Mas que raio foi aquilo?

Recordo tudo de uma só vez. Simplesmente, apareceu-me na cabeça, sem aviso.

Não fiquei a saber muito sobre mim mesmo. Vivo em São Francisco. Lembro-me disso. E gosto do pequeno-almoço. Além do mais, costumava gostar de astronomia, mas agora já não?

Aparentemente, o meu cérebro decidiu que era crucial que me lembrasse daquele *e-mail*. Não de coisas triviais, como *o meu próprio nome.*

O meu subconsciente quer contar-me alguma coisa. Ver a linha de sangue deve ter-me relembrado da «Fina Linha Vermelha» no título daquele *e-mail*. Mas que tem isso que ver comigo?

Saio de debaixo da cama sorrateiramente e sento-me encostado à parede. Os braços apontam na minha direção, mas ainda não me conseguem alcançar.

Está na altura de dar uma vista de olhos aos outros pacientes. Não sei quem são ou porque estou aqui, mas pelo menos não estou sozinho… eeee eles estão mortos.

Sim, definitivamente mortos. O mais próximo de mim era uma mulher, acho eu. Consigo ver que tinha cabelo comprido. Além disso, é praticamente uma múmia. Pele ressequida sobre os ossos. Não há cheiro. Nada está a apodrecer ativamente. Deve ter morrido há muito tempo.

A pessoa da outra cama era um homem. Acho que está morto há ainda mais tempo. A pele dele não só está seca e coriácea, mas também a desfazer-se.

OK. Então, aqui estou eu com duas pessoas mortas. Devia estar enojado e horrorizado, mas não estou. Estão assim há tanto tempo que já nem parecem humanos. Parecem decorações de Halloween. Espero não ter sido um amigo próximo deles. Ou, se fui, espero não me lembrar.

As pessoas mortas são uma preocupação, mas estou mais preocupado com o facto de eles já estarem aqui há tanto tempo. Até uma área de quarentena removeria pessoas mortas, certo? Seja o que for que se passe, deve ser mesmo grave.

Levanto-me. É um processo lento e exige muito esforço. Seguro-me na borda da cama da Sra. Múmia. Abana e eu abano com ela, mas mantenho-me de pé.

Não sei há quanto tempo aqui estou, mas se fui deixado ao mesmo tempo que os meus colegas de quarto, então já passou um bom bocado. Esfrego o rosto com metade da barba feita. Aqueles braços foram concebidos para lidar com inconsciência de longo prazo. Mais uma prova de que estive em coma.

Talvez seja capaz de chegar àquela escotilha.

Dou um passo. Depois, outro. Depois, afundo no chão. É demasiado para mim. Tenho de descansar.

Porque é que estou tão fraco, se os meus músculos estão em tão boa forma? E se estive em coma, porque é que tenho músculos, sequer? Deveria estar uma desgraça magricela e atrofiada por esta altura, em vez de ter este corpo de praia.

Não faço ideia de qual é o meu objetivo. O que devo fazer? Estarei mesmo doente? Quero dizer, sinto-me mal, claro, mas não me sinto «doente». Não tenho náuseas. Não me dói a cabeça. Não acho que tenha febre. Se não estou doente, porque é que estava em coma? Será algum ferimento físico?

Apalpo a cabeça. Não há altos, nem cicatrizes, nem ligaduras. O resto do corpo também me parece bem. Melhor que bem. Estou mesmo em forma.

Quero adormecer, mas resisto.

Está na altura de outra tentativa. Volto a fazer força para me levantar. É como levantar pesos. Mas é um pouco mais fácil desta vez. Estou a recuperar mais e mais (espero eu).

Deslizo ao longo da parede, apoiando-me tanto nas costas como nos pés. Os braços tentam constantemente chegar até mim, mas mantenho-me fora do seu alcance.

Estou ofegante. Parece que corri uma maratona. Talvez tenha uma infeção pulmonar. Talvez esteja em isolamento para a minha própria proteção.

Chego finalmente à escada. Cambaleio para a frente e agarro um dos degraus. Estou muito fraco. Como é que vou trepar uma escada de dez pés?

Uma escada de dez pés.

Penso em unidades imperiais. O que é uma pista. Provavelmente sou americano. Ou inglês. Ou talvez canadiano. Os canadianos usam pés e polegadas para distâncias curtas.

Pergunto a mim mesmo: qual a distância entre Los Angeles e Nova Iorque? A minha resposta instintiva: três mil milhas. Um canadiano teria usado quilómetros. Por isso, sou inglês ou americano. Ou sou da Libéria.

Sei que a Libéria usa unidades de medida imperiais, mas não sei o meu próprio nome. O que é irritante.

Respiro fundo. Seguro-me à escada com ambas as mãos e ponho o pé no degrau mais baixo. Puxo-me para cima. É um processo trémulo, mas consigo. Agora tenho ambos os pés no degrau. Estico o braço e agarro no degrau seguinte. *OK*, estou a fazer progressos. Parece que todo o meu corpo é feito de chumbo. Tudo implica muito esforço. Tento puxar-me para cima, mas a minha mão simplesmente não tem força suficiente.

Caio da escada, para trás. Isto vai doer.

Só que não dói. Os braços robóticos apanham-me antes de eu me estatelar no chão, pois caí ao seu alcance. Não hesitam. Devolvem-me à cama e aconchegam-me, como uma mãe que deita um filho.

Sabes que mais? Não faz mal. Estou mesmo cansado e a ideia de me deitar um bocadinho até me agrada. O balanço suave da cama é reconfortante. Algo me incomoda na forma como caí da escada. Repito mentalmente a cena. Não sou capaz de especificar o que é, mas há algo de… errado.

Hum.

Adormeço.

— Coma.

Há um tubo de pasta de dentes no meu peito.

— Hã?

— Coma — repete o computador.

Pego no tubo. É branco com letras pretas a dizer DIA 1 — REFEIÇÃO 1.

— Mas que raio é isto? — interrogo.

— Coma.

Desatarraxo a tampa e cheira-me a algo apetitoso. Fico com água na boca com tal possibilidade. Só agora é que percebo quão esfomeado estou. Aperto o tubo e sai uma pasta castanha de aspeto nojento.

— Coma.

Quem sou eu para questionar o suserano robótico assustador? Lambo a substância cautelosamente.

Oh, meu Deus, é boa! É mesmo boa! É como molho de carne espesso, mas sem ser demasiado amanteigado. Espremo mais diretamente para a boca e saboreio-o. Juro que é melhor do que sexo.

Sei o que se passa aqui. Dizem que a fome é o melhor tempero. Quando estás esfomeado, o cérebro recompensa-te de forma generosa por finalmente comeres. *Bom trabalho*, diz ele. *Assim podemos não morrer por mais um bocado!*

As coisas começam a fazer sentido. Se estive em coma durante muito tempo, devo ter sido alimentado. Não tinha tubo abdominal quando acordei, por isso é provável que estivesse a alimentar-me por uma sonda nasogástrica enfiada no esófago. É a forma menos intrusiva de alimentar um paciente que não pode comer, mas que não tem problemas digestivos. Além disso, mantém o sistema digestivo ativo e saudável. E explica o porquê de eu não ter o tubo quando acordei. Quando possível, deve remover-se a sonda nasogástrica enquanto o paciente ainda está inconsciente.

Porque é que o sei? Serei médico?

Esguicho mais uma dose de pasta para a boca. Continua deliciosa. Devoro-a. O tubo fica rapidamente vazio. Ergo-o.

— Mais disto!

— Refeição completa.

— Ainda tenho fome! Dá-me outro tubo!

— A porção de comida para esta refeição já foi disponibilizada.

Faz sentido. O meu sistema digestivo ainda está a habituar-se à comida semissólida. É melhor ir com calma. Se comer tanto como quero, é provável que fique indisposto. O computador está a proceder bem.

— Dá-me mais comida! — Ninguém quer saber de bons procedimentos quando tem fome.

— A porção de comida para esta refeição já foi disponibilizada.

— Bah!

Ainda assim, sinto-me muito melhor do que antes. A comida deu-me energia num instante, e também tive mais algum descanso.

Rebolo para fora da cama, pronto para correr até à parede, mas os braços não me seguem. Parece que estou autorizado a sair da cama, agora que provei que sou capaz de comer.

Baixo o olhar para o meu corpo nu. Não me parece bem. Sei que as outras pessoas que aqui estão estão mortas, mas, seja como for…

— Podes dar-me alguma roupa?

O computador não diz nada.

— Está bem. Continua assim.

Arranco o lençol da cama e envolvo-o à volta do tronco algumas vezes. Puxo um canto de trás por cima do ombro e prendo a outro à frente. Toga instantânea.

— Deambulação autónoma detetada — informa o computador. — Como se chama?

— Sou o imperador Comatoso. Ajoelha-te perante mim.

— Incorreto.

Está na altura de ver o que há no topo daquela escada.

Estou um tudo-nada instável, mas começo a atravessar o quarto. O que já é uma vitória. Não preciso de me agarrar a camas pouco firmes nem a paredes. Estou de pé sem qualquer apoio.

Chego à escada e agarro-me a ela. Não *preciso* de me agarrar a algo, mas é certo que assim se torna mais fácil. A escotilha lá de cima parece bastante sólida. Calculo que seja hermética. E é bastante provável que esteja trancada. Mas tenho de tentar, pelo menos.

Trepo um degrau. Difícil, mas factível. Outro degrau. *OK*, já apanhei o jeito a isto. Devagar e firmemente.

Chego à escotilha. Seguro-me à escada com uma mão e agarro no manípulo circular da escotilha com a outra. E consigo girá-lo!

— Caraças! — exclamo.

«Caraças»? É esta a minha reação de surpresa? Quero dizer, não tem mal, acho eu. Só achei que seria algo menos… suave. Que tipo de esquisitoide é que sou?

Dou três rotações completas ao manípulo e ouço um estalido. A escotilha inclina-se para baixo e eu saio-lhe do caminho. Abre-se ao cair, ficando suspensa pela sua forte dobradiça. Estou livre!

Mais ou menos.

Para lá da escotilha, há apenas escuridão. Um pouco intimidante, mas pelo menos é um progresso.

Avanço até à nova divisão e puxo-me para o chão. As luzes ligam-se quando entro. Presumivelmente, obra do computador.

A divisão parece ser do mesmo tamanho e ter a mesma forma que aquela que deixei. Outra divisão redonda.

Há uma mesa grande (que parece ser de laboratório) presa ao chão. Três bancos de laboratório estão montados junto a ela. Há equipamento de laboratório por todas as paredes. Tudo preso a mesas ou bancadas que estão aparafusadas ao chão. É como se a divisão estivesse preparada para um terramoto catastrófico.

Uma escada que acompanha a parede leva a outra escotilha no teto.

Estou num laboratório bem abastecido. Desde quando é que as alas de isolamento deixam que os pacientes entrem nos laboratórios? E isto nem sequer parece um laboratório médico. Mas que carago?

Carago? A sério? Talvez tenha filhos pequenos. Ou talvez seja profundamente religioso.

Levanto-me para ver melhor as coisas.

O laboratório tem equipamento mais pequeno aparafusado à mesa. Vejo um microscópio com ampliação de 8000 vezes, uma autoclave, uma série de tubos de ensaio, um conjunto de gavetas de armazenamento, um frigorífico de amostras, uma fornalha, pipetas… espera lá. Porque é que eu sei todos estes termos?

Olho para o equipamento maior ao longo das paredes. Microscópio eletrónico de varrimento, impressora 3D submilimétrica, fresadora de onze eixos, interferómetro *laser*, câmara de ar com um metro cúbico… conheço-os a todos. E sei usá-los.

Sou um cientista! Agora estamos a chegar a algum lado! Está na hora de usar a ciência. *Muito bem, cérebro de génio: pensa em alguma coisa!*

… tenho fome.

Falhaste, cérebro.

OK, bem, não faço ideia do porquê de este laboratório estar aqui ou do porquê de ter autorização para entrar. Mas, pronto. Continuemos…

A escotilha no teto está bastante longe do chão. Vai ser outra aventura na escada. Pelo menos, agora estou mais forte.

Respiro fundo algumas vezes e começo a trepar a escada. Tal como antes, este simples ato implica um esforço enorme. Posso estar a ficar melhor, mas não estou «bem».

Céus, sou pesado. Chego ao cimo, mas por pouco.

Seguro-me nas barras desconfortáveis e empurro o manípulo da escotilha. Não cede.

— Para destrancar a escotilha, diga o seu nome — declara o computador.

— Mas não sei o meu nome!

— Incorreto.

Bato no manípulo com a palma da mão. O manípulo não se mexe e agora dói-me a palma da mão. Pois… Não foi muito útil.

Isto vai ter de esperar. Talvez me lembre do meu nome daqui a nada. Ou talvez o encontre escrito nalgum lado.

Desço a escada. Pelo menos, é esse o meu plano. Esperar-se-ia que descer fosse mais fácil e seguro do que subir. Mas não. Não. Em vez de descer graciosamente a escada, ponho o pé no degrau seguinte num ângulo torto, largo o manípulo da escotilha e caio como um idiota.

Agito-me como um gato zangado, a tentar agarrar qualquer coisa que esteja ao meu alcance. O que se revela uma péssima ideia. Caio na mesa e bato com o queixo num conjunto de gavetas. Dói como sei lá o quê! Grito, agarro-me ao queixo, cheio de dores, deslizo para fora da mesa e caio no chão.

Não há braços robóticos que me apanhem desta vez. Aterro sobre as costas, o que acaba comigo. Depois, para piorar as coisas, o conjunto de gavetas tomba, abrindo-se, e o material de laboratório chove sobre mim. As zaragatoas não são um problema. Os tubos de ensaio só magoam um bocadinho (e, surpreendentemente, não se quebram). Mas a fita métrica acerta-me mesmo no meio da testa.

Ainda caem mais coisas. Contudo, estou demasiado ocupado a segurar no alto que me cresce na testa para reparar. Quão pesada será

aquela fita métrica? Uma queda pequena desde a mesa deixou-me com um galo na cabeça.

— Aquilo… não funcionou — comento, para ninguém. Toda a experiência foi simplesmente ridícula. Pareceu uma coisa saída de um filme do Charlie Chaplin.

Na verdade… foi muito parecido com isso. Um bocado parecido de mais.

Volto a ter aquela sensação de que qualquer coisa se passa.

Agarro num tubo de ensaio e atiro-o ao ar. Ele sobe e desce como é suposto. Mas irrita-me. Neste momento, há algo nos objetos em queda que me incomoda. Quero saber porquê.

O que posso usar? Bem, tenho um laboratório inteiro e sei usá-lo. Mas o que é que está facilmente mais à mão? Olho em volta, para toda a tralha que caiu no chão. Um monte de tubos de ensaio, zaragatoas, paus de gelado, um cronómetro digital, pipetas, alguma fita adesiva, uma caneta…

OK, talvez tenha aquilo de que preciso.

Volto a levantar-me e sacudo a toga. Só que não há nada para sacudir. Todo o meu mundo parece muito limpo e estéril, mas faço-o na mesma.

Pego na fita métrica e olho para ela. Está em metros. Talvez eu esteja na Europa. Sei lá. Depois agarro no cronómetro. É bastante robusto, como algo que se levaria numa caminhada. Tem um revestimento de plástico sólido com um anel rígido de borracha à volta. Não há dúvidas de que é à prova de água. Mas também está completamente pifado. O ecrã está em branco.

Carrego em alguns botões, mas nada acontece. Viro-o para ver o compartimento da bateria. Talvez encontre uma gaveta com pilhas, se souber de que tipo precisa. Dou com uma pequena fita vermelha de plástico a sair da parte de trás. Puxo-a e sai por completo. O cronómetro ganha vida.

Parece um daqueles brinquedos com «pilhas incluídas». A pequena fita de plástico estava ali para evitar que as pilhas se esgotassem antes de ser usado pela primeira vez. *OK*, isto é um cronómetro novinho em folha. Sinceramente, tudo neste laboratório parece novo. Limpo, arrumado, sem sinais de desgaste. Não sei o que tal significará.

Brinco com o cronómetro por um bocado, até compreender o que fazem os botões. É bastante simples, na verdade.

Uso a fita métrica para descobrir a altura da mesa. Bem, a parte de baixo do tampo fica a 91 centímetros do chão.

Pego num tubo de ensaio. Não é de vidro. Pode ser de algum tipo de plástico de alta densidade, ou algo assim. O certo é que não partiu quando caiu numa superfície dura. O que interessa é que, qualquer que seja o material, é denso o suficiente para que a resistência do ar seja negligenciável.

Pouso-o na mesa e preparo o cronómetro. Empurro o tubo de ensaio para fora da mesa com uma mão e inicio o cronómetro com a outra. Meço o tempo que demora a chegar ao chão. Dá-me cerca de 0,37 segundos. O que é muito rápido. Espero que o meu tempo de reação não esteja a afetar os resultados.

Anoto o tempo no braço com uma caneta. Ainda não encontrei papel.

Empurro o tubo de ensaio e repito o teste. Desta vez, dá-me 0,33. Faço-o vinte vezes no total, anotando os resultados, para minimizar os efeitos da minha margem de erro ao começar e parar o cronómetro. Obtenho uma média de 0,348 segundos. O meu braço parece o quadro de um professor de Matemática, mas não faz mal.

0,348 segundos. A distância equivale a metade da aceleração vezes o tempo ao quadrado. Portanto, a aceleração equivale a duas vezes a distância sobre o tempo ao quadrado. Estas fórmulas vêm-me facilmente à cabeça. Como uma segunda natureza. Tenho claramente bons conhecimentos de Física. É bom saber.

Faço as contas e chego a um resultado que não me agrada. A gravidade nesta divisão é demasiado alta. É de 15 metros por segundo por segundo, quando deveria ser de 9,8. Foi por isso que a queda das coisas me pareceu estranha. Estão a cair depressa de mais. E é por isso que estou tão fraco, apesar destes músculos. Tudo pesa mais uma vez e meia do que devia.

A questão é: nada afeta a gravidade. Não se pode aumentar nem reduzir. A gravidade da Terra é de 9,8 metros por segundo por segundo. Ponto final. E estou a experienciar mais do que isso. Só há uma única explicação possível.

Não estou na Terra.